



*Praia do Forte, SBRC, 26 de maio 2026, 06h*

### **O Arco-Íris, Ramanujan e Maria da Graça**

(Para Fernando Buarque que aguarda meu artigo aos sábados)

Na minha busca “insana” no YouTube por professores, pesquisadores e pensadores que ousam discutir o futuro diante da chegada desembestada da IA Generativa, acabei capturado por uma palestra TEDx Talks de um certo Dave Guttman, onde ele se pergunta:

*"What's different because you're here?"*

Uma pergunta simples, mas poderosa. Em uma era em que a IA se parece cada vez mais com um caleidoscópio surreal, talvez a questão mais importante não seja o que as máquinas podem fazer, mas o que muda no mundo porque nós estivemos aqui.

Esse balacubaco na minha cachola aconteceu na semana passada, pouco antes da 44ª edição do Simpósio Brasileiro de Redes de Computadores (SBRC), na Praia do Forte, onde estive a convite do querido Magnus Martinelli. Levei comigo três inquietações que movem a Caravana LF pela Soberania Digital:

- a sociedade ainda desconhece a profundidade dos impactos da IA Generativa;
- o Brasil segue recebendo datacenters de IA sem um debate público à altura;
- e avançamos, sem perceber, rumo a uma crescente colonização tecnológica, cultural e cognitiva promovida pelas Big Techs.

Neste vídeo do TEDx Talks, ancorado na extraordinária história de Dave Guttman, há uma constatação desarmante: as pessoas que mais impactaram nossa trajetória fizeram apenas uma coisa extraordinária, elas nos “perceberam”.

Quantas vezes fomos ajudados por um amigo, um professor, um familiar ou até mesmo por um completo desconhecido que enxergou em nós algo que nem nós mesmos conseguíamos ver?

Quantas vezes fomos salvos por uma palavra, um gesto, uma oportunidade ou por um completo desconhecido que viu em nós algo que, até então, ninguém sabia? São pessoas que passam pela vida deixando rastros de humanidade, sem alarde, sem holofotes, mas respondendo diariamente, com suas ações, à pergunta:

*"What's different because you're here?"*

Nosso querido LF, que empresta sintaxe e semântica ao Prêmio Luiz Fernando Gomes Soares, idealizado por Raimundo Macedo, ex-presidente da SBC, era alguém que “percebia” os outros.

“Percebeu” seus alunos na PUC-Rio, muitas vezes antes que eles próprios.

“Percebeu” suas crianças carentes de Vargem Grande, ao lado da querida Isa.

“Percebeu” os companheiros dos salões da Lapa, nas aulas de Antonieta, professora do Carlinhos de Jesus.

“Percebeu” talentos, inquietações, sonhos e fragilidades de desconhecidos.

LF possuía essa rara capacidade de enxergar além dos currículos, títulos ou aparências. Enxergava pessoas.

Talvez porque, sem nunca formular a pergunta em voz alta, tenha dedicado sua trajetória a respondê-la diariamente:

*"What's different because you're here?"*

Coincidentemente, ou talvez não, para quem a vida gosta de costurar significados invisíveis, no mesmo dia de minha participação no 44º SBRC, nossa presidenta Thaís Batista, também integrante do seleto grupo dos “percebidos” por LF, anunciava no vibrante grupo TeleMídia, que segue vivo e pulsante mesmo após uma década de sua partida desautorizada, a vencedora do III Prêmio Luiz Fernando Gomes Soares (LF) da Sociedade Brasileira de Computação (SBC).

Não me recordo de já ter fotografado um arco-íris. Talvez nem de ter realmente visto um. Mas aquele que apareceu sobre a Praia do Forte, exatamente no dia de minha apresentação no SBRC e do anúncio do Prêmio LF concedido à Maria da Graça Pimentel, impôs-se à paisagem como quem pede atenção.

De supetão, senti que aquele arco-íris precisava ser decodificado. E não precisei da ajuda, nem do viés estatístico de qualquer LLM.

Há símbolos que não cabem em bases de dados. A genialidade quase sobrenatural de Srinivasa Ramanujan, que saiu da Índia para desconcertar os matemáticos de Cambridge, é um lembrete de que existem fenômenos humanos que escapam às fórmulas, aos modelos e à lógica fria dos algoritmos.

Há coincidências que desafiam modelos probabilísticos. E há significados que florescem nesse território difuso da memória, da amizade, da gratidão e dos afetos, um lugar onde a matemática encontra seus limites e a condição humana começa a revelar seus mistérios.

Talvez aquele arco-íris não estivesse explicando nada.

Talvez fosse apenas um insight de que algumas das coisas mais importantes da vida continuam acontecendo fora da tela, longe dos algoritmos, dos dashboards e das previsões. No território invisível onde pessoas percebem pessoas, amizades transformam destinos e gestos aparentemente pequenos deixam marcas permanentes ... como Borges ao deixar cair lentamente um punhado de areia a 300 m da pirâmide disse, em voz baixa: "eu mudei o Saara".

Maria da Graça Pimentel é uma dessas pessoas raras que “percebem” os outros. “Percebe” seus alunos, seus amigos e cada uma das mais de 1.500 participantes do programa *Meninas Programadoras e Professoras Programadoras*, iniciativa criada para ampliar a participação feminina na Computação e abrir caminhos para novas gerações de cientistas, pesquisadoras e profissionais da tecnologia.

Mas seu olhar vai além da universidade e dos laboratórios. Maria da Graça também “percebe” aqueles que frequentemente se tornam invisíveis em uma sociedade acelerada e cada vez mais digital. “Percebeu” os idosos atendidos por projetos de extensão voltados ao letramento digital e pelo curso *Fake News: reconhecimento e atitudes para fazermos a diferença*, ajudando-os a navegar de forma mais crítica e segura pelo mundo conectado.

Maria da Graça “percebe” igualmente a importância do compromisso cidadão. Por meio do programa DoeFumcad, posteriormente incorporado à organização da sociedade civil TicSocial, da qual é cofundadora, contribuiu para mobilizar a sociedade em torno do direcionamento de parte do imposto de renda para fundos de apoio a crianças e adolescentes, fortalecendo a responsabilidade social e o engajamento cidadão em São Carlos entre 2018 e 2024.

Maria da Graça Pimentel “percebeu” também o outro em sua dimensão mais ampla: a dignidade humana. Não por acaso, atuou como presidente da Comissão Assessora do Núcleo de Direitos Humanos da USP São Carlos entre 2016 e 2018, reafirmando, na prática, que tecnologia, educação e cidadania caminham melhor quando guiadas pela empatia.

Talvez seja justamente isso que identifica pessoas como LF e MGP. Ambos compreenderam que as maiores transformações não acontecem apenas quando desenvolvemos tecnologias, publicamos artigos ou produzimos conhecimento. Elas acontecem quando conseguimos "perceber" o outro e, a partir desse encontro, ajudá-lo a enxergar possibilidades que antes pareciam invisíveis. LF fez isso. Maria da Graça faz isso. E todos aqueles que escolhem perceber o outro acabam, de alguma forma, mudando o seu próprio Saara.

Uma vez decodificado o arco-íris que surgiu naquela manhã chuvossolarada da Praia do Forte, a mensagem do Prêmio LF pareceu encontrar eco na reflexão com que Dave Guttman encerra sua palestra TEDx. Após sobreviver a um erro médico que o levou a revisitar o significado de sua própria existência, ele decidiu responder à pergunta que mudou sua vida:

*"What's different because you're here?"*

Talvez essa seja a pergunta que atravessa o legado de LF. A mesma que ilumina a trajetória de Maria da Graça Pimentel. E, quem sabe, a pergunta mais importante que podemos fazer a nós mesmos em tempos de Inteligência Artificial, algoritmos generativos e máquinas cada vez mais capazes de executar tarefas que julgávamos exclusivamente humanas.

Porque, no fim das contas, nossa grandeza não será medida pelo número de linhas de código que escrevemos, pelos artigos que publicamos, pelas tecnologias que desenvolvemos ou pelos cargos que ocupamos.

Será medida pelas vidas que tocamos.

Pelas pessoas que percebemos quando todos os demais passaram apressados.

Pelos talentos que ajudamos a florescer.

Pelas mãos que estendemos sem esperar recompensa.

Pelos futuros que ajudamos a existir.

Talvez seja exatamente isso que aquele arco-íris tentava dizer naquela manhã chuvossolarada da Praia do Forte.

Que a tecnologia pode transformar o mundo.

Mas são as pessoas que transformam pessoas.

E, no final, é essa a única inteligência que realmente importa.

Mauro Oliveira

**Ps.: O Prêmio LF foi criado em 2023 por Raimundo Macedo, Presidente da SBC, à época, após ter "inquietado" a audiência do SBRC em Fortaleza (1996) sobre o papel e responsabilidade social da ciência, do cientista.**